

CAPÍTULO 4 - PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E NATURAL

4.	PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E NATURAL.....	4-1
4.1.	Procedimentos Metodológicos.....	4-1
4.2.	A Área de Pesquisa	4-1
4.3.	Os Sítios Arqueológicos	4-4
4.4.	O Contexto de Ocupação Humana Para os Sítios Arqueológicos do AHE Peixe: um Cenário Regional.....	4-19
4.5.	Resumo	4-22
4.6.	Patrimônio Natural	4-23
4.7.	Referências Bibliográficas	4-24

4. PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E NATURAL

4.1. Procedimentos Metodológicos

Os estudos arqueológicos foram desenvolvidos a partir de três eixos básicos de investigação, sendo eles:

- A realização de trabalhos de campo na área a ser diretamente impactada pela usina projetada, com o objetivo de obter um primeiro reconhecimento do ambiente físico e dos vestígios arqueológicos nela presentes. A etapa de campo foi desenvolvida no período de 26 de junho a 05 de julho do corrente ano.
- O levantamento sistemático da bibliografia disponível, de forma a obter um quadro regional da ocupação humana em âmbito regional que servisse de referência e contextualização para os vestígios identificados na área do AHE.
- Trabalhos de laboratório e gabinete, envolvendo o estudo dos materiais e informações obtidos a partir dos dois itens anteriores, bem como as análises e avaliações que integram o EIA-RIMA.

Dois aspectos afetaram bastante os resultados deste estudo. Em primeiro lugar, a área de maneira geral encontra-se muito bem preservada, com grandes trechos de cerrado aparentemente nativo (ou pelo menos reconstituído naturalmente há bastante tempo). Do ponto de vista arqueológico, isto representa condições de baixa visibilidade arqueológica, sobretudo porque a pesquisa de campo foi realizada com a vegetação rasteira vicejante. Por outro lado, os acessos rodoviários são extremamente reduzidos para a maior parte da área de pesquisa, o que torna largos trechos da área de inundação virtualmente inacessíveis. Assim, portanto, é sob esta ótica que deve ser compreendida a amostragem de vestígios arqueológicos cadastrados em uma região onde a própria natureza destes vestígios, como veremos adiante, aponta para uma densidade razoável de evidências arqueológicas.

4.2. A Área de Pesquisa

Nos aproximadamente 120 km que serão impactados ao longo do Tocantins, o rio se apresenta largo e calmo, resultado de uma topografia aplainada e uniforme (Fotos 15 e 16). Por outro lado, apresenta ilhas de diferentes dimensões, sendo as maiores a Ilha da Paz e a Ilha do Jatobá, ambas com habitantes fixos e localizadas nas cercanias do ponto onde deverá ser implantado o eixo da barragem.



Foto 15 e Foto 16 – Grandes áreas apresentam uma vegetação de cerrado bastante bem conservada, dificultando a visibilidade arqueológica.

Sem dúvida o principal afluente que o rio Tocantins recebe neste trecho é o rio Paranã, pela margem direita. A barragem deverá alcançar perto de 75 km ao longo deste rio, entrando ainda por mais de 20 km em seu principal tributário, o rio Palma (Ilustração 4.1).

No trecho projetado para o AHE Peixe, o rio Tocantins é francamente navegável, com o uso de pequenos barcos a motor. Também o Paranã permite livre navegação para pequenos barcos, ao menos até a cidade de Paranã. As próprias prospecções arqueológicas tiveram de ser feitas com o auxílio de barcos nos trechos em que a rede de acesso terrestre se mostrava insuficiente.

Aliás, as estradas existentes nesta região são tão exíguas quanto bastante precárias, tornando o acesso a certas porções da área de inundação praticamente impossível, sobretudo na época das chuvas.

De fato, grande parte do transporte de pessoas e cargas na área ainda se faz com o uso de canoas, o que define uma ocupação concentrada nos eixos dos principais rios. A própria quantidade de moradores é restrita, sendo muito menor se comparada com trechos mais ao norte do Tocantins.

Esta região apresenta, ainda, amplas extensões que permanecem cobertas por uma vegetação nativa de cerrado praticamente intacta (Foto 16). O grau de preservação da cobertura vegetal pode ser medido pela constante presença de animais silvestres que a equipe encontrou em diferentes porções da área como veados, emas, tamanduás, araras, tucanos, capivaras, entre outros. Conquanto flora e fauna desta área apresentem exuberante beleza cênica, exibem também baixíssima visibilidade arqueológica, dificultando enormemente as prospecções.

A atividade econômica predominante nesta área consiste, na maior parte das vezes, da criação de gado. Assim, se a superfície dos terrenos não está coberta pelo cerrado nativo, apresenta extensas áreas de pastagens, que também fornecem baixa visibilidade arqueológica.

Os solos da região são predominantemente arenosos, embora tenham sido identificados trechos de solo argiloso escuro na margem direita do rio Tocantins, na região da Serra do Boqueirão.

Quanto ao relevo, as porções próximas aos rios de maior porte apresentam extensas planícies fluviais, que podem atingir vários quilômetros de extensão (Foto 17). Esta topografia uniforme é recortada somente por suaves inclinações na barra dos córregos e rios que cortam a área. A grande maioria destes córregos e rios é hoje, aliás, intermitente.



Foto 17 – Vista da planície fluvial do Tocantins, a partir da ponte em São Salvador



Foto 18 – Vista geral da serra do Boqueirão, localizada na margem direita do Tocantins.

As planícies fluviais são mais extensas na margem esquerda do rio Tocantins, sendo interrompidas pela Serra Dourada, que forma uma barreira paralela ao rio praticamente ao longo de todo o trecho da barragem. Todavia, esta serra está bastante distante, podendo ser visualizada apenas ao longe, dominando a paisagem ao fundo.

O mesmo não ocorre na margem direita do Tocantins e no vale do Paranã. Ali, uma seqüência de serras espreme a planície fluvial e forma um relevo bastante intenso. A maior delas é a serra do Boqueirão, havendo ainda a serra do Bananal, a serra Vermelha, a serra das Caldas e outras de menor expressão (Foto 18).

O conjunto de características físicas que a área apresenta traz uma série de implicações para a pesquisa arqueológica, tanto no que se refere aos trabalhos executados para este estudo, como na reflexão sobre formas de continuidade da pesquisa, em etapas futuras do empreendimento (resgate). Em suma, trata-se de uma área muito pouco ocupada, com uma rede de estradas restrita a alguns trajetos e apresentando, em vários pontos, precárias condições de conservação. A cobertura vegetal (seja pelo cerrado nativo, seja pelas extensões de pasto) resulta em péssima visibilidade arqueológica de superfície.

Também a infra-estrutura urbana é precária, havendo hospedagem razoável em Peixe e Palmeirópolis (ambas a mais de 50 km de distância da área de inundação) e hospedagem muito precária em São Salvador e Paranã (estas, sim, imediatamente anexas à área da barragem). Qualquer necessidade de equipamento mais especializado (incluindo aluguel de veículos tracionados) e mesmo a chegada de equipes por transporte aéreo, deve ser feito em Palmas, que se encontra a mais de 300 km de Peixe.

Todavia, um ponto importante merece especial destaque nesta discussão. Se por um lado certamente a pesquisa arqueológica se torna mais custosa nesta região, as condições de preservação ambiental que a área oferece também implicam em sítios arqueológicos muito bem conservados e, por vezes, quase intactos, situação que de um modo geral não mais se observa a jusante no rio Tocantins (como nos trechos abrangidos pelas UHEs Lajeado e Serra Quebrada). Assim, a realização de pesquisas sistemáticas neste trecho poderá fornecer informações de alta qualidade que poderão contribuir, inclusive, para a compreensão e discussão de contextos arqueológicos mais distantes.

4.3. Os Sítios Arqueológicos

Os levantamentos de campo realizados na ADA do AHE Peixe resultaram no cadastro de 15 sítios arqueológicos, sendo 5 líticos, 7 cerâmicos, 2 rupestres e 1 sítio do período histórico. O nome dos sítios, seu tipo e coordenadas são fornecidos na Tabela 4.1. Sua localização pode ser visualizada na Ilustração 4.1.

Sítio	Tipo	Coordenadas
Ilha da Paz	Cerâmico	22L 0786991 / UTM 8645152
Ilha do Jatobá 1	Cerâmico	22L 0792342 / UTM 8642613
Ilha do Jatobá 2	Lítico	22L 0792926 / UTM 8642070
Pedra Riscada 1	Arte rupestre	22L 0798195 / UTM 8637199
Pedra Riscada 2	Lítico	22L 0793910 / UTM 8639732
Retiro	Cerâmico	22L 0796078 / UTM 8601905
Piabanha	Lítico	22L 0795270 / UTM 8589207
Cruzeiro 1	Arte rupestre	22L 0796524 / UTM 8621942
Cruzeiro 2	Cerâmico	22L 0796500 / UTM 8621737
Cruzeiro 3	Lítico	22L 0802822 / UTM 8619827
Paraná	Cerâmico	23L 0189747 / UTM 8601182
Serra do Boqueirão	Cerâmico	22L 0798486 / UTM 8599310
Taboão	Cerâmico	23L 0815949 / UTM 8607912
São Luis	Lítico	22L 0798565 / UTM 8626301
Porto São Luis	Histórico	23L 0186251 / UTM 8604580

Tabela 4.1 – Relação dos sítios arqueológicos cadastrados

Uma primeira classificação dos sítios arqueológicos permite dividi-los, assim, em 4 tipos: líticos, cerâmicos, com arte rupestre e sítios relacionados à ocupação histórica da região. Suas principais características são apresentadas a seguir.

SÍTIOS LÍTICOS

(Piabanha, Cruzeiro 3, São Luís e Ilha do Jatobá 2, Pedra Riscada 2)

Os sítios Piabanha, Cruzeiro 3, Pedra Riscada 2 e São Luís estão implantados na planície aluvial do Tocantins onde, em meio à vegetação de cerrado e sobre o solo arenoso foram encontrados vestígios arqueológicos em pedra lascada dispersos sobre a superfície do solo (Foto 19). Nas proximidades destes sítios existem áreas de cascalheira, nas quais também aparecem algumas peças lascadas. A área de dispersão dos vestígios é extensa, tendo entre 100 e 250 metros ao longo do eixo maior.

No sítio Cruzeiro 3 foi observada grande quantidade de peças dispersas pela planície (mais de 100), enquanto nos demais sítios foram identificadas poucas peças (menos de 10). Todavia, a visibilidade nestes outros sítios era muito baixa, sendo bastante provável uma quantidade bem

maior de materiais dispersos, ou então que os sítios entrem por áreas de vegetação mais fechada existente nos arredores.

A matéria prima rochosa utilizada na produção dos artefatos lascados foi o quartzo, o silex e o arenito silicificado. As peças correspondem a lascas de diferentes dimensões, desde lascas grandes iniciais (com mais de 10 cm de comprimento) até micro lascas (com menos de 2 cm), embora estas últimas tenham ocorrido em pouca quantidade (Foto 20). Em algumas lascas de médio porte observou-se a presença de talões facetados ou asa de pássaro.



Foto 19 – Implantação do sítio São Luis, em planície aluvial



Foto 20 – Material lítico lascado, sítio Piabanha

Foi observada também a presença de várias lascas retocadas, artefatos com ponta ou bico e seixos lascados tipo chopper (Foto 21). No sítio Cruzeiro 3 foi identificada uma peça bastante interessante e peculiar, em arenito silicificado, um artefato plano-convexo ovalado (“lesma”) confeccionado sobre metade de um seixo, que na outra parte se conserva intacto (Foto 22). Trata-se de uma peça atípica para esta região, pois a grande maioria destas peças, recorrentemente encontradas nos sítios líticos do Planalto Central, é fabricada sobre lascas.



Foto 21 e 22 – Instrumentos lascados (chopper e pré-forma de lesma).

O outro sítio lítico cadastrado (Ilha do Jatobá 2) é distinto dos demais por estar implantado em uma ilha. Na verdade, está na extremidade mais a montante da ilha, em local onde existe uma extensa cascalheira formada por seixos de diferentes rochas e dimensões (Foto 23). Em meio a esta cascalheira foram encontradas peças lascadas, na maior parte formadas por grandes lascas corticais e seixos lascados formando um bordo ativo (*choppers*, Foto 24). Também foi grande a quantidade de seixos observados que apresentavam algumas retiradas, como se os artesãos estivessem tentando observar as características da rocha, selecionando as de melhor aptidão ao lascamento. O sítio Ilha do Jatobá 2 parece ser, portanto, uma área fonte de matéria prima.



Foto 23 – Cascalheira no extremo norte da Ilha da Paz, onde se localiza o sítio Ilha do Jatobá 2



Foto 24 – Instrumentos líticos lascados, sítio Ilha do Jatobá 2

Em termos regionais, pelo menos o sítio Cruzeiro 3 pode ser relacionado à denominada Tradição Itaparica, tendo em vista a presença de lascas grandes e artefatos plano-convexos, inclusive lesmas. Esta tradição abriga grupos de caçadores e coletores que se desenvolveram por todo o Planalto Central, podendo alcançar 10.000 anos de idade.

Os demais sítios líticos também podem pertencer à Tradição Itaparica, ou então estar relacionados a diferentes grupos indígenas, bem mais recentes, que ocuparam a região e que também utilizavam instrumentos em pedra lascada, inclusive às próprias populações ceramistas.

SÍTIOS CERÂMICOS

(Ilha da Paz, Ilha do Jatobá 1, Retiro, Cruzeiro 2, Paranã, Serra do Boqueirão e Taboão)

Correspondem ao tipo de sítio que foram encontradas em maior quantidade durante estas prospecções (7 sítios em 15, ou seja, quase 50%). A cerâmica associada a estes sítios traz significativas variações, permitindo dividi-los em 4 grupos.

Grupo 1 – Sítio Ilha da Paz

Trata-se de um sítio em uma ilha no rio Tocantins, a qual fica próxima ao eixo da barragem.

A ilha contém duas partes distintas. A parte alta, correspondendo à porção que se eleva aproximadamente 10 metros sobre o rio Tocantins, separando-se dele por um barranco abrupto. Esta parte não inundável é onde mora, atualmente, uma família. A parte alta fica do meio da ilha para sua extremidade à jusante.

A outra porção fica do meio para o extremo montante da ilha. É separada da parte alta por um barranco de aproximadamente 5 metros de altura. A parte baixa é constituída por grandes áreas de erosão, que vão dando lugar a praias nas margens da ilha.

É justamente no limite entre a parte alta e a parte baixa da ilha que se encontra o sítio arqueológico de populações ceramistas (Foto 25). Existe material sobre o barranco (na parte alta), e também na superfície e nas áreas de erosão da parte baixa, indicando a possibilidade de que o sítio venha sendo “escavado” pelas inundações do Tocantins. Por outro lado pode também tratar-se de 2 estruturas distintas de um mesmo assentamento, aproveitando as características do terreno, talvez com uma estrutura fixa na parte alta, não inundável, e uma área de exploração e atividades na parte baixa.



Foto 25 – Implantação do sítio Ilha da Paz

Na parte alta foi encontrado menos material embora, neste caso, o sítio esteja certamente enterrado a 30-50 cm de profundidade, conforme indicam fragmentos cerâmicos encontrados em estratigrafia (Foto 26).

Já a parte baixa apresenta grande quantidade de material em áreas de erosão e na superfície da praia, reunido em agrupamentos que sugerem fortemente a presença de estruturas ainda intactas (Foto 27). Foi observada presença de uma indústria lítica numerosa, bem como grande quantidade de fragmentos cerâmicos, espalhados por uma área de pelo menos 100 X 70 metros.



Foto 26 - Leitura da estratigrafia, sítio Ilha da Paz



Foto 27 - Grande densidade de material caindo pelas áreas de erosão.

A indústria lítica tem como matérias primas o quartzo, o quartzito, o arenito silicificado e o granito. As peças são, em sua grande maioria, sobre seixos, apesar de aparecerem ocasionais lascas retocadas. As dimensões variam entre 8 e 20 cm. Dentre os artefatos foi observada grande quantidade de raspadores sobre seixos ou grandes lascas (Foto 28). Uma única peça apresentou retoques bifaciais. Alguns artefatos sobre lasca exibem retoques periféricos em toda sua volta.



Foto 28 - Artefato lítico lascado (raspador). Sítio Iha da Paz

Quanto à cerâmica, apresentou considerável diversificação. Predominam as peças com decoração pintada (engobo branco ou vermelho, com linhas formando motivos diversos), antiplástico de caco moído e formas de contorno complexo (indicadas pela presença de ombros) (Foto 29). Os fragmentos podem ser bastante espessos, com mais de 2,5 cm, até finos fragmentos de 0,5 cm. Alguns fragmentos apresentam sulcos longitudinais em meia-cana, configurando o que se costuma designar como “calibradores”, associados geralmente à atividade de apontar e afiar o prumo de pontas de flecha em osso ou madeira, ou procedimentos análogos (Foto 30).

Por outro lado, observou-se também a presença de alguns fragmentos de superfície escura, sem decoração e com antiplástico cariapé.



Foto 29 – Fragmentos de cerâmica pintada, com ombro



Foto 30 – Fragmentos cerâmicos utilizados como calibradores

Este sítio surpreendeu a equipe pelo seu estado de conservação. Embora grande parte do material tenha sido identificado em áreas de erosão, as estruturas ainda eram muito nítidas, indicando que as peças ainda guardavam pelo menos parte de sua configuração e articulação espacial originais. Ao mesmo tempo, os fragmentos cerâmicos ainda apresentavam grandes dimensões, o que também aponta para a boa conservação do sítio.

Grupo 2 – Sítio Ilha do Jatobá 1, Taboão e Cruzeiro 2

Os sítios Ilha do Jatobá 1 e Cruzeiro 2 parecem ter constituído grandes aldeias, uma vez que o material ocorre espalhado por extensas áreas, com mais de 100 metros de diâmetro (Foto 31). A diferença entre eles é que um deles está instalado em uma ilha (Jatobá 1), e o outro na planície fluvial do Tocantins, ocupando o topo e encosta de uma suave vertente (Cruzeiro 2).

Já o sítio Taboão se encontra nas margens do rio Paranã (Foto 32), e foi percebido apenas através de uma área de erosão próxima ao barranco do rio (entre o rio e a estrada), onde afloravam fragmentos cerâmicos. O material se encontrava a 10 cm de profundidade no barranco, indicando que o sítio, mais para o interior, estaria enterrado. Porém, a área que se abre mais além apresenta grande quantidade de blocos rochosos, tornando improvável a instalação de uma grande aldeia no local. Talvez corresponda a uma área de atividade específica, na beira do rio, e a aldeia propriamente dita se encontre alhures, nas proximidades.



Foto 31 – Sítio Jatobá 1



Foto 32 – Implantação do sítio Taboão

A cerâmica que estes 3 sítios apresentam traz características comuns, sendo lisa, sem decoração, com antiplástico cariapé ou mineral. Nenhuma borda foi identificada que permitisse inferir sobre a forma e tamanho das vasilhas. Todavia, a falta de ombros sugere que estejamos tratando com vasilhas de contorno simples.

Em todos os sítios ocorreu material lítico lascado em associação à cerâmica. Geralmente é constituído por lascas e detritos em quartzo, quartzito e arenito silicificado, mais raramente em sílex. Lascas retocadas e/ou utilizadas são frequentes, além de artefatos plano-convexos (raspadores) e seixos lascados (choppers).

O sítio Cruzeiro 2 traz ainda algumas novidades. Em primeiro lugar, uma clara distribuição das indústrias na área do sítio: enquanto no topo da colina está o material cerâmico, associado a pequena quantidade de material lítico, este último predomina e ocorre em maior quantidade na encosta desta mesma colina que se volta para o rio Cruzeiro. Na parte baixa desta mesma encosta foram observadas quatro estruturas formadas por concentrações circulares de pedras medindo entre 1,70 e 2,00 metros de diâmetro (Foto 33). O morador local que nos acompanhou até o sítio diz que os mais velhos se referiam a estas estruturas como “sepulturas de índio”.



Foto 33 – Estruturas de pedra do sítio Cruzeiro 2



Foto 34 – Material lítico lascado do sítio Retiro

Associação entre estas três áreas parece bastante clara (o tipo com cerâmica e lítico, a encosta apenas com lítico e as “sepulturas” próximas ao pé da encosta). Teríamos, portanto, uma grande área de aldeia, com diferentes porções indicando a realização de atividades / funções diversas.

Por fim, a apenas 85 metros de distância das “sepulturas”, no pé da encosta, está o rio Cruzeiro e, justamente neste ponto, existem vários grafismos rupestres feitos nas rochas que formam o leito do rio. Estes grafismos são descritos mais adiante (Sítio Cruzeiro 1), uma vez que a associação entre os grafismos e o sítio cerâmico Cruzeiro 2 necessita de maiores comprovações. É, entretanto, fortemente sugerida pela própria associação espacial e contiguidade das evidências.

Grupo 3 – Sítios Paranã e Retiro

Ambos os sítios se localizam a menos de 100 metros de um grande rio (rio Paranã para o sítio Paranã e rio Tocantins para o sítio Retiro). Encontram-se, portanto, nas planícies fluviais correspondentes.

Material cerâmico e lítico lascado encontra-se disperso pelos terrenos, em extensões que variaram de 80 a 100 metros. A cerâmica apresenta características bastante distintas das encontradas nos sítios anteriores, os fragmentos são finos, de paredes marrom escuro, antiplástico exclusivamente mineral, sem decoração e com bordas diretas e pequenas sugerindo vasilhas de reduzidas dimensões.

O material lítico é bastante escasso: a algumas lascas e detritos em quartzo, quartzito e arenito silicificado, raramente retocados (Foto 34).

Grupo 4 – sítio Serra do Boqueirão

Trata-se de um sítio em pequeno abrigo, localizado em um dos morros que formam a Serra do Boqueirão (Foto 35). Neste abrigo moradores locais encontraram 6 vasilhas cerâmicas contendo ossadas humanas em seu interior. Isto ocorreu há mais de 10 anos, e durante os trabalhos de campo a equipe teve a oportunidade de observar uma destas vasilhas, que se encontrava na residência do sr. Teodósio Ferreira de Lima, em São Salvador.

O Sr. Teodósio contou a história e tentou levar a equipe ao abrigo. Todavia, a chuva e o entardecer impediram a localização do mesmo. O próprio Sr. Teodósio não se recordava direito do local, e seria necessário permanecer algum tempo rodeando o morro até que pudéssemos encontrá-lo.

Todavia, a vasilha em seu poder foi documentada. Apresenta coloração vermelha na superfície externa, além de forte lustro. As paredes têm espessura de 0,7 cm. A base da vasilha é plana e ela apresenta 33 cm de altura por 31 cm de largura máxima de bojo (Foto 36).



Foto 35 – Morro pertencente à serra do Boqueirão, onde o sítio se localiza

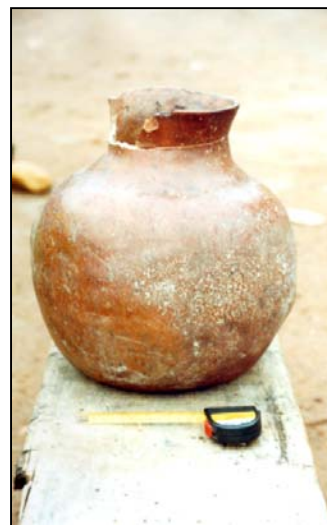


Foto 36 – Vasilha cerâmica que continha, originalmente, ossadas humanas

Estas características são bastante distintas das demais cerâmicas encontradas nos sítios da região. Assim, não é possível, neste momento da pesquisa, relacionar as vasilhas do sítio Serra do Boqueirão aos demais 3 contextos cerâmicos aqui descritos. Todavia, é possível que estas vasilhas sejam diferentes justamente por terem uma função muito específica (serem urnas funerárias).

A indicação de ossadas humanas no interior da vasilha indicaria a realização de enterramento secundário e, com isto, o sítio Serra do Boqueirão deve ser um sítio cemitério.

SÍTIOS COM ARTE RUPESTRE (Pedra Riscada 1 e Cruzeiro 1)

O sítio Pedra Riscada 1 se localiza nas margens do Tocantins, onde um dique de diabásio atravessa o rio formando uma área encachoeirada, com vários blocos e ilhas (Foto 37). Na margem esquerda e a aproximadamente 50 metros do rio alguns blocos e, especialmente, um lajedo horizontal, apresentam diferentes figuras gravadas na pedra (Foto 38).

Foram ali observadas 18 figuras, e provavelmente a realização de levantamentos mais sistemáticos certamente revelará mais alguns. São formadas por linhas circulares, retilíneas e pontos, em diferentes combinações. Foram cadastradas figuras formando círculos concêntricos (Foto 39), sequencias de traços paralelos (Foto 40), grades (Foto 41), círculos concêntricos com traços radiais no interior (Foto 42), entre outros.

Na margem direita do rio Tocantins, onde hoje existe um acampamento de Furnas, foi identificada uma rocha contendo uma figura em forma de meia-lua (Foto 43). Também nesta margem foi identificado material em pedra lascada em meio a uma cascalheira que ocorre na barra do rio Santa Cruz.



Foto 37 – Porção do Tocantins onde se localiza o sítio Pedra Riscada



Foto 38 – Principal lajedo que apresenta gravuras rupestres

O outro sítio de arte rupestre identificado, Cruzeiro 1, também abrange uma série de blocos e lajedos rochosos, agora no leito de um afluente do rio Tocantins, o córrego Cruzeiro (Foto 30). O rio estava seco quando a equipe esteve em campo, e os moradores locais informam que a água só recobre as gravuras, de fato, durante o período das chuvas (outubro a março).



Foto 39



Foto 40



Foto 41



FOTO 42

Fotos 39 a 42 – Figuras gravadas na rocha, sítio Pedra Riscada

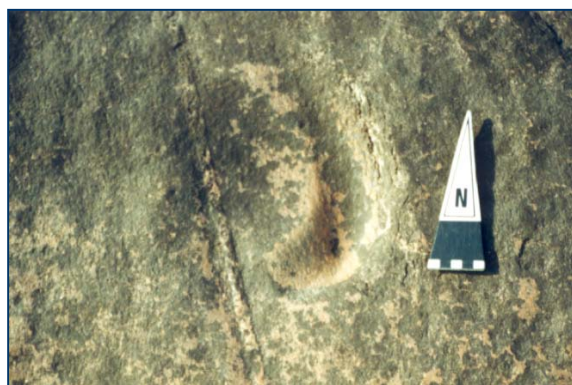


Foto 43 – Gravura em meia-lua, margem direita do Tocantins



Foto 44 – Leito do córrego Cruzeiro, seco quando da realização dos trabalhos de campo. Nos blocos que ficam no fundo do leito é que estão os diferentes desenhos gravados



Foto 45 – Bloco principal do sítio Cruzeiro, com várias gravuras

Especialmente em um lajedo horizontal as gravuras ocorrem de forma concentrada (Foto 45), embora tenham sido identificadas algumas figuras em blocos próximos. A técnica aqui utilizada é a mesma da que ocorre no sítio Pedra Riscada 1. Também algumas figuras se repetem, como os círculos concêntricos e as grades. Todavia, em Cruzeiro 1 ocorrem outras figuras com maior riqueza de formas, como a representação de um animal (Foto 46), uma figura em forma de cruz que deu o nome ao local (Foto 47), uma figura que parece representar uma palmácea (Foto 48) e uma composição de círculos e traços compondo uma figura mais complexa (Foto 49).



Fotos 46 a 49 – Gravuras rupestres do sítio Cruzeiro

Assim, se em Pedra Riscada as figuras remetem apenas a motivos geométricos, em Cruzeiro 1 parecem representar também figuras de animais e plantas.

Vale lembrar que os grafismos de Cruzeiro 1 se encontram a 85 metros do início de uma extensa aldeia com material cerâmico e lítico lascado, onde também foram identificadas possíveis estruturas de sepultamento (sítio Cruzeiro 2). A partir daí, é possível levantar a hipótese de que as gravuras de Cruzeiro 1 tenham sido elaboradas por estes grupos ceramistas.

SÍTIO HISTÓRICO (Fazenda Porto São Luis)

Exatamente em frente à cidade de Paranã, na margem direita do rio que leva o mesmo nome, está localizada a Fazenda Porto São Luis. Foi fundada em meados do século XIX, quando ainda persistia no Brasil o regime de escravidão negra. A própria fazenda manteve escravos por vários anos, tendo sido sempre voltada à criação extensiva de gado.

A fazenda apresenta, ainda hoje, diferentes estruturas relacionadas àquela época. A mais vistosa é um muro de pedra construída pelos próprios escravos, que cerca a sede e uma extensa porção de terreno. O muro tem aproximadamente 1,20 metro de altura, tendo sido erguido com blocos de pedras justapostas, retiradas nas redondezas e talhadas no local. O muro tem, pelo menos, 300 metros de extensão (Foto 50 e 51).

A fazenda tem, hoje, algumas edificações, como a casa principal e outras casas no entorno, ainda feitas com a técnica da adobe. Restos da estrutura da antiga sede, provavelmente de idade compatível com as estruturas muradas das cercanias, ainda existem nos fundos da atual casa central (Foto 52), formada por fileiras de pedras.

Os moradores informam que haveria ainda outra fazenda na região que também apresenta muros erguidos por escravos. Trata-se, sem dúvida, de remanescentes de um patrimônio histórico ainda não documentado.



Foto 50 – Vista geral da muralha feita por escravos.



Foto 51 – Detalhe do muro, sítio Fazenda São Luis.



Foto 52 – Fundações remanescentes da antiga sede da fazenda.

4.4. O Contexto de Ocupação Humana Para os Sítios Arqueológicos do AHE Peixe: um Cenário Regional

Os sítios arqueológicos encontrados na área a ser impactada pelo AHE Peixe remete a diversos contextos culturais de época pré-colonial, e a pelo menos um contexto de época mais recente, colonial ou mesmo posterior.

A ocupação humana provavelmente mais antiga da região está relacionada aos sítios líticos, isto é, que apresentam material lítico lascado. Este tipo de vestígio é geralmente associado a populações que viviam da caça e da coleta e que, portanto, são denominados genericamente de caçadores-coletores.

As características apresentadas pelo material lítico dos sítios de Peixe evocam as indústrias de instrumentos de formas plano-convexas de ampla dispersão desde a Bahia (Calderón 1974) até Mato Grosso (Wust 1991), datadas entre 12 e 8 mil anos atrás, reunidas pelos arqueólogos como *Tradição Itaparica* (Schmitz 1984, 1987). Remetem, portanto, a um grande horizonte cultural que se desenvolveu no nordeste e centro-oeste brasileiro ao longo do Holoceno.

Já existem datações absolutas para sítios semelhantes localizados na área de inundação da UHE Lajeado, localizada nas imediações da cidade de Palmas. A data mais antiga é de 1530 anos atrás, ou seja, século V de nossa era. É provável que esta data recue, podendo chegar a mais de 5.000 anos atrás (De Blasis & Robrahn-González 1998). Por outro lado, devemos lembrar que a região do médio Tocantins não está distante e é também ecologicamente próxima ao sul do Piauí e do interior da Bahia, onde datações com mais de 30.000 anos vêm sendo apresentadas (embora sejam, ainda, bastante polêmicas). Isto confirma o potencial da região para sítios mais antigos, associados aos primeiros grupos de caçadores-coletores que ocuparam os territórios planálticos do Brasil.

Em termos regionais, o estudo destas populações ainda apresenta um grande nível de generalização. De qualquer forma, parece ter havido um adensamento de grupos caçadores ao

longo da calha do Tocantins, e certamente a abundância de matéria prima de boa qualidade (principalmente arenito silicificado), facilmente disponível na forma de cascalheiras, é um fator importante nesta discussão. De fato, o instrumental lítico parece desempenhar um papel essencial na economia das populações ligadas às atividades de caça. A análise preliminar das coleções recolhidas em campo mostra uma predominância de raspadores entre os implementos, sobretudo as lesmas, tão familiares aos arqueólogos que trabalham no Planalto Central.

Vários sítios líticos identificados no vale do Tocantins se encontram próximos às suas margens, à exemplo dos sítios localizados na UHE Lajeado. No caso dos sítios localizados sobre topos de elevações, sua implantação certamente aproveita a visibilidade que os pontos oferecem (excelentes mirantes).

Os sítios líticos de Peixe parecem ter uma ampla distribuição por toda a área. Seus ocupantes teriam aproveitado diferentes pontos da paisagem para instalarem seus assentamentos, desde as margens do Tocantins, com suas cascalheiras abundantes, até porções mais distantes, nos vales de seus afluentes em zonas topográficas mais elevadas. Esta ocorrência generalizada parece apontar para uma intensa ocupação da área por grupos caçadores-coletores.

Todavia, considerando o extenso período de tempo ao qual estes vestígios se encontram associados (de cerca de 10 mil até mil anos atrás), é bastante provável que, em alguns casos, estejamos lidando com *palimpsestos* (registros superpostos) de diversos grupos de caçadores que, ao longo dos últimos milênios, atravessaram esta porção do alto/médio Tocantins. Estes diferentes grupos de caçadores que devem ter passado pela área, embora o tenham feito ao longo de um longo período, aparentemente possuíam um aparato tecnológico/adaptativo bastante homogêneo e duradouro, pelo menos a partir do ponto de vista do instrumental lítico que chegou até a atualidade. Assim, sua identificação e caracterização cronológica e cultural demandam pesquisas bem mais aprofundadas, as quais fogem ao escopo do presente diagnóstico.

Uma segunda etapa de ocupação humana que se desenvolveu na área está relacionada aos sítios cerâmicos. Com certeza estamos lidando, agora, com grupos que já conheciam o cultivo, retirando da agricultura boa parte de seu sustento.

As características apresentadas pela cerâmica encontrada nos sítios de Peixe permitem associar estes grupos às denominadas *Tradição Una* (sítios Paranã e Retiro) de ocorrência discreta e dispersa por todo o Planalto Central, e a *Tradição Uru* (sítios Sítio Ilha do Jatobá 1, Taboão e Cruzeiro 2) cujos sítios estão presentes em todo o Estado do Mato Grosso, no norte de Goiás e também no centro do Estado do Tocantins. Na calha do rio Tocantins aparecem também alguns sítios associados à *Tradição Tupiguarani* (sítio Ilha da Paz), que ocorre mais comumente na periferia das áreas mais altas e centrais do Planalto Brasileiro.

Os sítios com cerâmica Una são pobremente conhecidos, pois tem sido pouco estudados desde sua descoberta, em meados dos anos 70. Ocorrem geralmente em abrigos, mas nesta região do rio Paranã sítios a céu aberto com este tipo de cerâmica foram identificados (Robrahn-gonzález 1996). Os vasilhames que ocorrem nestes sítios são pequenos e com formas simples, sem decoração, e as datações disponíveis (entre 2400 e 800 anos atrás) apontam para o fato de que se trata das primeiras populações ceramistas a ocupar o planalto. A presença de um maior número de sítios a céu aberto nesta região sugere que se trata, possivelmente, de uma área nuclear deste padrão cultural, o que torna seu estudo extremamente importante, já que

podem estar associados à transição entre populações com uma economia de caça/coleta/manejo para uma agricultura incipiente.

Apesar dos sítios relacionados à Tradição Uru abrangerem um território assim tão vasto, sua cerâmica guarda traços bastante homogêneos, com pequenas variações regionais (Wust 1989, Schmitz et alii 1982, Robrahn 1989, Martins 1998, De Blasis & Robrahn-González 1998, 1999). Análises comparativas entre sítios foram desenvolvidas de forma sistemática apenas em uma área do Mato Grosso (Wust 1990), apontando para uma possível hierarquização entre eles, indicando a formação de grupos com maior complexidade social e política. No alto Tocantins as pesquisas associadas ao resgate patrimonial em Serra da Mesa (Martins 1998) sugerem que aquela região constitui-se em uma área de concentração de sítios Aratu, o que contrasta com sua ausência neta região do Peixe, relativamente próxima. Sítios associados à Tradição Uru também ocorrem, sendo raros aqueles afiliados à Tradição Tupiguarani.

Os sítios identificados na região do AHE Peixe apresentem uma estrutura bastante semelhante àquela conhecida para os sítios Uru do restante do Planalto Central, formados por uma estrutura anular com diâmetro médio de 150 metros (Robrahn-González 1996).

A literatura sugere uma possível origem na região andina, talvez tendo como ancestrais grupos Aruwak (Heckenberger 1996). Já Robrahn-González (1996) havia apontado a possibilidade de uma origem também voltada à região amazônica, a partir do vale do Guaporé (Rondônia e norte do Mato Grosso), atravessando os contrafortes do Tapajós e alcançando o Tocantins, a partir do qual teriam descido para Goiás e alcançado o nordeste-sudeste brasileiro. Desta forma, os sítios do médio Tocantins deveriam apresentar datas mais antigas do que aqueles que se encontram no Planalto Central (ou seja, antes do século VII de nossa era).

De fato, o médio Tocantins aparece como porção intermediária entre os planaltos orientais mais áridos da Bahia e norte de Minas, o planalto central propriamente dito (sobretudo Goiás e Mato Grosso, que parecem ter constituído uma área nuclear de desenvolvimento de vários grupos ceramistas), a região xinguana e o médio Araguaia e, por fim, a Amazônia. A calha do Tocantins, com suas planícies inundáveis e várzeas férteis, pode ter constituído um dos eixos de penetração para grupos ceramistas provenientes do sudoeste da Amazônia. Assim a presença, no alto e no médio Tocantins, de sítios relacionados à Tradição Uru, abre interessantes caminhos de pesquisa, cujos resultados certamente extrapolam o interesse local, e deverão contribuir para a análise de fenômenos culturais mais amplos, extra-regionais.

Quanto à Tradição Tupiguarani, ocorre em geral na periferia das áreas planálticas mais elevadas, aparecendo nestas de forma extremamente discreta, em geral pequenas quantidades de cerâmica em abrigos. Bem mais a jusante no rio Tocantins, logo abaixo da confluência com o rio Araguaia, foram identificados mais de 80 sítios arqueológicos desta tradição durante as pesquisas de resgate da UHE Tucuruí, no Estado do Pará (Simões & Araújo Costa 1987). Na área da UHE Lajeado vestígios Tupi são extremamente discretos (De Blasis & Robrahn-Gonzalez 1998), assim como na UHE Serra Quebrada (De Blasis & Robrahn-Gonzalez 2000). Sugere-se, assim, que os grupos ceramistas portadores de cerâmica Uru não teriam ocupado esta porção mais amazônica do Tocantins, e os limites de seu território teriam de ser encontrados em algum ponto a jusante desta última usina.

Em síntese, a arqueologia do AHE Peixe reflete uma composição cultural diversificada, e a boa preservação dos sítios desta área aponta para o grande potencial da região para a resolução

das questões relacionadas às trocas de influências entre estas grandes tradições cerâmicas do Planalto Central Brasileiro.

4.5. Resumo

Os levantamentos de campo na área diretamente afetada e entornos imediatos do AHE Peixe levaram à identificação de 15 sítios arqueológicos relacionados a diferentes ocupações humanas que se desenvolveram na área, do período pré-histórico ao período histórico.

Todavia, é certo que estes sítios não correspondem à totalidade de vestígios que a área possui. A metodologia empregada nos levantamentos de campo (prospecções extensivas) não teve como objetivo cadastrar a totalidade de sítios arqueológicos presentes na área diretamente impactada. A intenção foi identificar a diversidade de evidências em diversas parcelas da área de pesquisa, de modo a produzir alguns parâmetros qualitativos e quantitativos suficientes para caracterizar o patrimônio envolvido neste trecho do médio rio Tocantins.

Além disso, as condições de campo inviabilizaram o exame de diversos trechos da AID do empreendimento, o que também contribuiu para reduzir a amostra de sítios cadastrados.

Até o momento foram identificadas quatro grandes tradições culturais na ocupação indígena na área (grupos caçadores-coletores da Tradição Itaparica e grupos ceramistas das Tradições Uru, Una e Tupiguarani), mas é possível que a área guarde ainda outras surpresas. Em primeiro lugar, conforme discutido anteriormente, devem ter havido diversas ocupações de caçadores-coletores pela área, e seu reconhecimento depende de pesquisas aprofundadas, que fogem ao escopo do presente diagnóstico. Em segundo lugar, podem existir na área (de influência inclusive) outras categorias de sítio relacionadas a estas ocupações, como sítios em abrigo, sítios nas ilhas que ocorrem em alguns trechos do rio Tocantins, outros sítios com gravuras rupestres nas margens e leito deste rio (junto aos afloramentos rochosos), entre outras possibilidades.

Por fim, em terceiro lugar, é ainda possível que a área tenha abrigado outros grupos indígenas, ainda não identificados, como os ceramistas da Tradição Aratu, que se espalham por todo o estado de Goiás e centro-sul do Tocantins.

Os dados levantados na pesquisa de campo confirmam plenamente a existência, nesta região do alto/médio rio Tocantins, de um significativo patrimônio arqueológico pré-colonial e histórico, de grande importância para a compreensão dos processos de povoamento do Brasil Central. Sua importância deriva não apenas das características dos materiais encontrados, como também da situação geográfica da área, situada na confluência dos planaltos abertos, onde o rio Tocantins pode ter atuado como eixo de penetração pelo planalto brasileiro no sentido norte-sul, com a zona serrana que se estende pelo norte de Goiás e a leste por Minas Gerais, região pouco conhecida mas de características culturais bastante mescladas, com datas que alcançam até o final do Pleistoceno (Prous 1992).

4.6. Patrimônio Natural

O fogo representa um dos fatores ecológicos de perturbação mais freqüentes no Cerrado, intensificado pela ação antrópica, seja como estratégia de caça pelas populações indígenas, seja como forma de manejo para pecuária extensiva, para estimular a rebrota de gramíneas. Associado ao efeito do fogo, encontra-se o pastoreio do gado. Além de promover a exposição do solo, favorece a disseminação de espécies cujos propágulos, após passarem pelo trato digestivo dos animais, tornam-se aptos a germinar.

Na área de estudo verifica-se ainda, além do fogo, a ocorrência de desmatamentos, presentes em maiores extensões próximo ao eixo e a sul da Área de Influência Indireta, onde amplas áreas de pastagens encontram-se implantadas. Nestas regiões verifica-se uma fragmentação bastante acentuada da vegetação natural, ao contrário do restante da área, onde prevalece o mosaico de fisionomias mais abertas e mais densas e onde verificam-se perturbações difusas e sistemáticas.

Há uma Unidade de Conservação de uso direto na região, denominada Área de Proteção Ambiental (APA) da Foz do Rio Santa Teresa, situada no município de Peixe, entre os rios Santa Teresa e Tocantins e limitada pela rodovia TO-280. Criada pela Lei nº 9605 de 1997, protege significativas áreas de Formações Ripárias e de Cerrados. De acordo com o Projeto Radambrasil (1981)¹, caracterizam a área superfícies aplanadas resultantes de processos de pediplanação, enquanto ao longo dos rios Santa Teresa e Tocantins ocorrem planícies aluviais. O Cerrado constitui a formação vegetal predominante na área, ocorrendo sobre Latossolos Vermelho-Amarelos distróficos. Nas planícies sob influência dos rios predominam Florestas Ripárias sobre solos Glei pouco húmicos distróficos. As formações florestais que acompanham as linhas de drenagem caracterizam-se pela presença de espécies Estacionais, dentre elas várias decíduas. De acordo com informações locais, grande predadores como onças estão presentes. Ainda de acordo com essas informações, o rio Santa Teresa é utilizado pelos botos, pelo menos no período das cheias. Ressalta-se a presença de áreas de pasto em seu interior. Corresponde a uma área representativa de Cerrado e de Florestas-de-galeria do rio Tocantins.

Além desta Unidade de Conservação, há no município de Paranã, uma área de 5 alqueires da Fazenda das Caldas, situada na serra das Caldas, prevista para implantação de Parque Municipal, com objetivos ecoturísticos.

Nos municípios de Palmeirópolis e de São Salvador do Tocantins verificam-se áreas potenciais para conservação localizadas nas serras situadas a sul: Serras do Boqueirão, das Caldas, Grande, do Cocalinho (Seplan, 1999)².

¹ Projeto Radambrasil, 1981. Levantamento de recursos naturais. Folha SC22 Tocantins. Vol22.

² Seplan, 1999. Atlas do Tocantins. Subsídios ao planejamento da gestão territorial. Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente, Diretoria de Zoneamento Ecológico-Econômico – DEZ – Palmas.

4.7. Referências Bibliográficas

De Blasis, P. & Robrahn-González, E. M. (1998). **Pesquisas arqueológicas no médio vale do rio Tocantins: o resgate no eixo da UHE Luis Eduardo Magalhães**. Revista de Arqueologia 10, Rio de Janeiro (no prelo).

KIPNIS, R. (1998) **Early hunter-gatherers in the Americas: perspectives from central Brazil**. Antiquity. 581-592.

MARTINS, D. C. (coord.). (1998). **Relatório conclusivo do PA-SALV-SM, UFG/MA**, Goiânia.

PROUS, A. (1992). **Arqueologia Brasileira**. Ed. UnB. Brasília

SIMÕES, M.F. & ARAUJO COSTA, F. (1987). **Pesquisas arqueológicas no baixo rio Tocantins (PA)**. Revista de Arqueologia 4 (1): 11-27.

